

O IMPEACHMENT DE DILMA NO G1 E NO NEXO: DA VOCAÇÃO À PADRONIZAÇÃO DO JORNALISMO

THE IMPEACHMENT OF DILMA ON G1 AND NEXO: FROM VOCATION TO
STANDARDIZATION OF JOURNALISM

LA DESTITUCIÓN DE DILMA EN G1 Y NEXO: DE LA VOCACIÓN A LA
PADRONIZACIÓN DEL PERIODISMO

Beatriz Becker

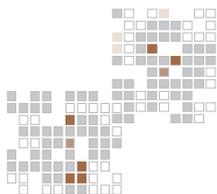
■ Pós-Doutora pela Goldsmiths University of London e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada do PPGCOM/ECO/UFRJ e do Departamento de Expressão e Linguagens da Escola de Comunicação da UFRJ. Autora de *Televisão e Telejornalismo: Transições* (2016); *Pensando e Fazendo o Jornalismo Audiovisual* (2012); *A Linguagem do Telejornal* (2005) e coautora de *Pantanal: A Reinvenção da Telenovela*.

■ E-mail: beatrizbecker@uol.com.br

Igor Waltz

■ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ), bolsista CAPES, jornalista e membro do Grupo de Pesquisa Mídia, Jornalismo Audiovisual e Educação (MJAE).

■ E-mail: igor.waltz2@gmail.com



RESUMO

As práticas jornalísticas sofrem intensas reconfigurações diante da paisagem digital. Mas o jornalismo continua a se constituir como lugar privilegiado de enunciação da verdade sobre a experiência social, tanto nas mídias tradicionais quanto nas startups. A partir de uma análise comparativa da cobertura jornalística do impeachment da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados pelo G1 e pelo Nexo Jornal, amparada em contribuições de estudos de Enquadramento e da Análise do Discurso, este estudo aponta que não há rupturas significativas nas estruturas narrativas das notícias sobre relevantes acontecimentos políticos e há um acirramento da relação entre regimes e efeitos verdade nos modelos discursivos jornalísticos na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: DISCURSO JORNALÍSTICO; IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF; DESAFIOS DO JORNALISMO; STARTUPS.

ABSTRACT

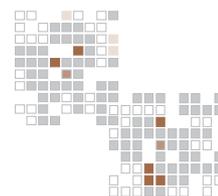
Journalistic practices suffer intense reconfigurations in the digital landscape. Nevertheless, journalism continues to be a privileged place of enunciation of the truth about social experience, both in traditional media and in startups. From a comparative analysis of the coverage of the impeachment of President Dilma Rousseff in the Chamber of Deputies by the G1 and Nexo Jornal, supported by contributions from Framework Studies and Discourse Analysis, this study points out that there are no significant ruptures in the narrative structures of the news about relevant political events. There is also a deepening of the relationship between regimes of truth and truth effects in today's discursive models of journalism.

KEYWORDS: KEYWORDS: JOURNALISTIC DISCOURSE; IMPEACHMENT OF DILMA ROUSSEFF; CHALLENGES OF JOURNALISM; STARTUPS.

RESUMEN

Las prácticas periodísticas sufren intensas reconfiguraciones ante el paisaje digital. Pero el periodismo sigue constituyendo un lugar privilegiado de enunciación de la verdad sobre la experiencia social, tanto en los medios tradicionales y en las startups. A partir de un análisis comparativo de la cobertura periodística del destitución de presidenta Dilma Rousseff en la Cámara de Diputados por el G1 y el Nexo Jornal, amparada en contribuciones de estudios de Encuadramiento y del Análisis del Discurso, este estudio apunta que no hay rupturas significativas en las estructuras narrativas de las noticias sobre relevantes acontecimientos políticos y un agravamiento de la relación entre regímenes y efectos de verdad en los modelos discursivos periodísticos en la actualidad.

PALABRAS CLAVE: DISCURSO JORNALÍSTICO; DESTITUCIÓN DE DILMA ROUSSEFF; DESAFÍOS DEL PERIODISMO; STARTUPS.



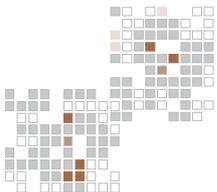
1. Repensando o Jornalismo Contemporâneo

O poder da imprensa de massa cresceu no século XX, amparado na máxima de que o jornalismo era fundamental para a democracia, fornecendo aos cidadãos informações confiáveis (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004). Entretanto, a ideia de que a imprensa decide que tipo de notícia o público deve saber e o que o cidadão precisa e quer para poder se autogovernar não mais define bem o papel social do jornalismo no século XXI. Na mutante paisagem digital, a maior participação das audiências e o aumento de suas formas de acesso à informação noticiosa desafiam cada vez mais teorias normativas que definiram o jornalismo, como bastião da liberdade, instrumento de vigilância e de monitoramento dos poderes institucionais, cão de guarda, representação do interesse público e/ou quarto poder. Hoje, o jornalismo deve ser investigado e compreendido como uma das muitas formas de produção de conhecimento em uma ecologia informacional expandida na atualidade e como uma atividade cada vez menos especializada, uma vez que a produção de conteúdos é realizada por diferentes indivíduos e instituições e direcionada a espaços culturais e nichos específicos (PETERS; BROERSMA, 2017; REICH; GODLER, 2017).

Neste contexto, a imprensa perde o poder de representar a opinião pública e a onipotência dos jornalistas torna-se um mito (NEVEAU, 2006). O jornalismo tem uma forte simbiose com o campo político e desfruta de uma expressiva autonomia, mas os recursos dos jornalistas são insuficientes para intervir na lógica do mercado. O incremento dos imperativos comerciais nos grupos de mídia fragiliza a autonomia do trabalho jornalístico. A busca da rentabilidade máxima redefine a prática jornalística, são concedidas prioridade a determinadas editorias para maximizar as audiências com fortes conteúdos emocionais, anedóticos e

sensacionalistas, *soft news* e publicações sobre saúde, lazer e consumo. O Público-alvo passa a ser definido por estilo de vida ou de consumo e a sua conquista produz padronização e estetização das mensagens, engendradas na busca do emocional e do sensacional e orientadas para a busca da felicidade privada. Jornalistas e não jornalistas estabelecem cada vez mais um envolvimento personalizado e afetivo com as notícias (DEUZE; WITSCHGE, 2017). Assim, a autoridade do jornalista como autor das histórias do cotidiano é diluída e ele se torna um amigo ou conselheiro das audiências.

O papel dos jornalistas na produção de conteúdo informativo ainda é desafiado pelos algoritmos, os quais “cruzam as preferências individuais dos usuários e reduzem o espaço para a diversidade de pontos de vista e a alteridade” (BARSOTTI; AGUIAR, 2017, p. 7). Porém, se o jornalista não detém mais o poder exclusivo de decidir o que é informação noticiosa, sua atividade ainda está bastante envolvida na verificação dos fatos. Ele precisa checar se um conteúdo noticioso é confiável e deve fornecer às audiências as condições para que interpretem e analisem as informações, convertendo-se em uma espécie de moderador de discussões para um público que não exerce apenas o papel de consumidor, mas atua também como produtor de conteúdo informativo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004), especialmente frente a superabundância de informações e a intensificação das *fake news*. A motivação de caráter social que pressupõe a oferta de informações confiáveis aos cidadãos, colaborando para o exercício da cidadania e a democracia, ainda existe na atividade jornalística. Mas, o Jornalismo perde a sua centralidade em decorrência da mercantilização dos processos de comunicação midiáticos e de modelos de negócio que priorizam a rentabilidade em detrimento do conteúdo. Interesses econômicos e políticos intervêm cada vez mais



nos enquadramentos e na credibilidade de notícias, refratado em métricas e na precariedade das condições de trabalho dos jornalistas.

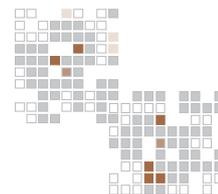
Curran, Fenton e Des Freedman (2012) argumentam que há um mito do poder da internet de rejuvenescer a democracia e promover maior entendimento e diálogo entre os povos, sugerindo que esta é uma perspectiva por demais centrada no poder tecnológico. De fato, as redes sociais, os dispositivos técnicos e as múltiplas plataformas fazem emergir uma nova economia da informação que se recoloca no lugar de grandes indústrias tradicionais. Porém, os níveis de competitividade das grandes corporações e das *startups*, aqui compreendidas como empreendimentos nascentes e inovadores vinculados tanto ao individualismo econômico quanto à busca por autonomia para produzir relatos jornalísticos (BECKER; WALTZ, 2017), são diferentes e desiguais. As tecnologias digitais reduzem os custos de distribuição e permitem produzir com baixos custos serviços e produtos destinados a nichos de mercado não atendidos no mercado global. A internet afeta a coleta de dados, a interação entre produtores e consumidores, a configuração do mercado, o volume e a velocidade das operações financeiras globais e a natureza dos negócios de comunicação, mas também faz emergir grandes corporações (Idem).

Contudo, pensar o papel social do jornalismo na atualidade e, especialmente o porquê de suas estruturas discursivas sofrem poucas mudanças no ambiente convergente, exige mais do que focalizar o desenvolvimento de tecnologias digitais e seus efeitos na produção e consumo de notícias. Os discursos das mídias tradicionais, das organizações independentes e das audiências são distintos e coexistem no cenário midiático contemporâneo. Porém, as suas enunciações sobre histórias da realidade cotidiana ou as suas formas de organização textual e de produção

de significações de experiências da vida social, baseadas na premissa do relato da verdade¹ dos fatos, nem sempre contribuem para abordagens mais diversas e plurais dos acontecimentos. Os estudos de diferentes formas de consumo e acesso às notícias, bem como os de características de conteúdos e formatos jornalísticos distribuídos na rede ou ainda aqueles que privilegiam a investigação das rotinas produtivas não solucionam tensões imbricadas no jornalismo como lugar privilegiado de enunciação da verdade. Tampouco a superação pela academia da compreensão dos critérios de noticiabilidade, exclusivamente, como elementos pelos quais a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimento que será noticiado (SILVA, 2014a), serve de auxílio para entender porque os relatos jornalísticos e suas estruturas discursivas não sofrem alterações significativas na atualidade. Estudos de jornalismo têm investigado e sistematizado critérios que os jornalistas utilizam para identificar se um evento é noticiável ou não, mas carecem de um corpo de princípios integrados e articulados que poderiam conferir a essas investigações possibilidades de se tornarem teorias e de tornar concepções sobre a seleção de notícias menos engessadas (FRANCISCATO, 2014; SILVA, 2014b).

A observação das escolhas dos usuários e de atuações de diferentes comunidades interpretativas permitem avaliar de que modo as notícias e o jornalismo preenchem a expectativa dos cidadãos, oferecem pistas para compreender as relações estabelecidas entre as notícias e as pessoas,

1 A verdade é aqui entendida não como uma meta a ser alcançada ou reflexo da realidade objetiva, seguindo a concepção vulgar do positivismo, mas como uma apropriação simbólica da realidade. Esta perspectiva reconhece a dimensão subjetiva da práxis jornalística.



e, conseqüentemente, o valor do jornalismo para a sociedade na atualidade. Esses estudos demandam aos pesquisadores pensar as finalidades do jornalismo a partir dos hábitos de leitura dos cidadãos, uma vez que há um hiato cada vez maior entre as notícias que interessam às empresas produtoras de conteúdo e as notícias que despertam o interesse dos leitores (BENETTI; REGINATO, 2017; BOCZKOWSKI; MITCHELSTEIN, 2013). Entretanto, uma compreensão mais ampla das complexidades e contradições do jornalismo contemporâneo e dos modos como as suas estruturas discursivas se organizam só pode ser apreendida, por meio de uma abordagem interdisciplinar. O jornalismo não é um campo isolado das demais práticas socioeconômicas, políticas e culturais e a sua posição social nunca é completamente uniforme em lugar nenhum, muda no tempo e no espaço (ZELIZER, 2004; GROTH, 2011).

Nesse sentido, precisamos de um novo olhar para o jornalismo na era digital, observando menos a sua relevância social como um fenômeno estável e prestando atenção às suas transformações, aos novos atores sociais, novas práticas e impactos da produção noticiosa em contextos variáveis (DEUZE, WITSCHGE, 2017). Há necessidade ainda de uma renovação de parâmetros teórico-metodológicos nas pesquisas em jornalismo, embora nem sempre seja possível trabalhar com o cruzamento de distintas abordagens e dimensões da atividade jornalística nas investigações que tomam o jornalismo como objeto de estudo. Cientes de que olhamos parte do problema, nos resta menos risco e mais consistência para tentarmos avançar, considerando que as reavaliações do campo e da profissão podem contribuir para os seus aperfeiçoamentos (GROTH, 2011). Afinal, tentar pensar e colaborar para a reformulação desses debates não significa dispor de boas respostas, mas entender que melhores perguntas podem ser feitas (NEVEAU, 2006).

Em um momento que os modos de produção,

distribuição e consumo de informações jornalísticas sofrem expressivas reconfigurações, indagamos por que não há, necessariamente, rupturas nos modelos discursivos de construção dos acontecimentos ou nos modos como a estrutura narrativa das notícias se organiza, tanto nos veículos tradicionais quanto nas *startups* na atualidade. Para responder a esta questão realizamos uma análise comparativa da cobertura jornalística do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados produzida por dois veículos nativos dos meios digitais: o *G1*², representando a mídia tradicional, e o *Nexo Jornal*³, reconhecida e premiada *startup* jornalística. Assim, buscamos identificar semelhanças e distanciamentos entre as maneiras da mídia tradicional e de *startups* jornalísticas construir esse relevante acontecimento político na história do Brasil contemporâneo.

2. Enquadramentos e construção de sentidos do *impeachment* de Dilma Rousseff no *Nexo* e no *G1*

O processo do *impeachment* de Dilma Rousseff foi iniciado em dezembro de 2015, pouco menos de um ano do segundo mandato da presidente, com base em supostos desrespeitos à lei orçamentária, “pedaladas fiscais”. Porém, o clima político também foi influenciado pela Operação Lava Jato, conjunto de investigações da Polícia Federal e do Ministério Público que apurou casos de corrupção e lavagem de dinheiro. A presidente,

2 O portal G1 é a maior holding de mídia da América Latina e uma das 20 maiores do mundo e agrega conteúdos de outros veículos jornalísticos do mesmo grupo. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/09/g1-completa-10-anos.html>. Acesso em 18 nov. 2017.

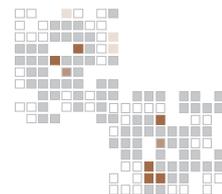
3 O *Nexo Jornal* revela preocupação em explicar e contextualizar os fatos e estabelecer em seus relatos conexões entre diferentes fatores inter-relacionados na conflagração dos acontecimentos. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/09/Qual-o-significado-do-pr%C3%A0mio-recebido-pelo-Nexo-para-o-jornalismo-no-Brasil>. Acesso em 15 jan. 2018.

afastada em definitivo em agosto de 2016, foi a segunda mandatária impedida no país desde a retomada da democracia. Apesar do cenário de excepcionalidade, veículos hegemônicos de mídia trataram o caso como um evento ordinário na política nacional. Para Rizzoto *et. al.* (2017), os relatos jornalísticos reduziram o evento a uma mera disputa maniqueísta entre dois polos e não ofereceram interpretações mais aprofundadas ao público. Vizeu *et. al.* (2018), por sua vez, argumentam que a mídia de massa ajudou a legitimar a cassação da presidente, fazendo reverberar enquadramentos e opiniões contrárias à manutenção de Dilma no poder. Coelho e Oliveira (2018) ressaltam ainda que a cobertura midiática invocou disputa de sentidos acerca do processo de *impeachment* nas redes sociais e suscitou leituras emocionais, especialmente manifestações raivosas e reativas. Inferimos, entretanto, se as *startups* jornalísticas promoveram enquadramentos mais diversos e leituras mais plurais do *impeachment* de Dilma Rousseff, ou privilegiaram as mesmas estruturas textuais e significações sobre este importante acontecimento político, por meio de uma análise comparativa das enunciações sobre esse acontecimento construídas pelo G1 e pelo Nexo Jornal. A coleta das matérias foi realizada por meio da busca pelas palavras-chave “Dilma”, “*impeachment*” e “Câmara” nos sites dos dois veículos, entre 10 a 24 de abril de 2016 - sete dias antes e sete dias após a votação para abertura do processo, em 17 de abril. Para analisar esse material jornalístico sobre o *impeachment* de ambos os veículos, propomos a convergência de duas ferramentas metodológicas: o *Framing Analysis* (Análise de Enquadramento) e a Análise do Discurso (AD), buscado desvelar tensões e inter-relações entre os campos jornalístico, midiático e político.

A partir das contribuições de Goffman (2012), a Análise do Enquadramento tem sido empregada nas ciências sociais como um instrumento

de análise das interações sociais e dos modos como os indivíduos e as organizações constroem marcos interpretativos que conferem sentido à realidade social. Na produção, circulação e apropriações dos discursos jornalísticos, os quadros operam por meio de expedientes de seleção, exclusão e ênfase de determinados aspectos e informações sobre os acontecimentos sociais (ENTMAN, 1993; PORTO, 2004; ROTHBERG, 2010). O Enquadramento aproxima-se da Análise do Discurso (AD), pois permite desvelar nos textos como se manifestam a construção dos sentidos, identidades e valores, bem como identificar as vozes presentes e ausentes no texto. A AD leva em consideração o caráter dialético dos discursos e os sentidos das enunciações resultam de vínculos e interações socioculturais entre quem produz e interpreta as mensagens (PINTO, 1999). Esta troca discursiva, como sublinha Charaudeau (2010), se dá em um contexto de co-intencionalidade, restrito às condições da situação comunicativa. O reconhecimento dessas restrições conforma um “acordo tácito” prévio entre os sujeitos envolvidos no ato de comunicação, uma vez que todo discurso depende de uma série de condições específicas que geram um quadro de referência comum entre os interlocutores. As características discursivas decorrentes de uma determinada situação de comunicação estão envolvidas no conceito de contrato de comunicação, cunhado por Charaudeau (2010), que estabelece um forte paralelo com a Análise de Enquadramento proposta por Goffman (2012) e Entman (1991). Esses autores também compreendem a situação de comunicação (ou situação interativa) como um palco que conforma a ação dos sujeitos dentro de limites temporais, espaciais e hierárquicos.

Inspirados nesses marcos teórico-metodológicos, sobretudo nas contribuições de Pinto (1999), Charaudeau (2010) e Entman (1993), foram elaboradas e aplicadas cinco categorias na análise dos modos como a abertura do processo de im-



peachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados foi construída no *Nexo Jornal* e no *Portal G1*. São elas:

1. *Tamanho da Amostra*, que nos oferece possibilidade de dimensionar a relevância da cobertura e seu destaque no fluxo noticioso, examinando o volume de material produzido e a variedade de formatos noticiosos empregados;

2. *Estrutura Textual, Códigos de Linguagem e Suporte*, que viabiliza a identificação de características dos textos verbais, radiofônicos, audiovisuais ou multimídia;

3. *Descrição e Designação*, que torna possível inferir não apenas o tratamento dado aos textos estudados, mas também as motivações das enunciações;

4. *Vozes do Discurso e Relações do Sujeito Enunciador e Interlocutores*, que indica as relações que se estabelecem no texto entre sujeitos sociais e

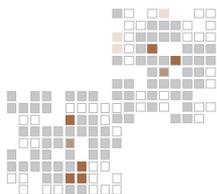
como se constituem por meio do discurso; e

5. *Modos de Dizer e Produção de Sentidos*, que nos auxilia a desvelar relações estabelecidas nos discursos com outros textos (*Intertextualidade*), escolhas de vocabulário, que tendem a rotular acontecimentos e pessoas, gerando determinados ajuizamentos, críticas e qualificações (*Categorização, avaliação moral e atribuição de valores*) e linguagens, formatos e abordagens dos acontecimentos que geram rupturas e continuidades nos relatos jornalísticos (*Disrupções e conservações*). A partir da aplicação destas cinco categorias, identificamos aproximações e distanciamentos de enquadramentos e de estratégias discursivas entre o G1 e o *Nexo Jornal*.

A síntese da análise da cobertura jornalística realizada pelo G1 e pelo *Nexo Jornal* é apresentada abaixo no Quadro 1.

Quadro 1. Características das coberturas do G1 e do *Nexo*

Categorias	<i>G1</i>	<i>Nexo</i>
Tamanho da Amostra (10 a 24 de abril de 2016)	Total de 605 matérias, 209 da própria equipe do <i>G1</i> e de agências de notícias, a maioria na editoria Política. Veiculados 27 conteúdos na seção Vídeos; 165 nas páginas dos telejornais da <i>TV Globo</i> e <i>Globonews</i> ; 204 nas edições regionais do <i>G1</i> .	Total de 60 matérias, 46 na seção Expresso; 3 em Gráficos, 2 em Entrevistas, 2 em Especial (reportagens mais longas e multimídia), 1 em Vídeos e 1 em Interativo.
Estrutura Textual, Códigos de Linguagem e Suporte	Hiperlinks ligando reportagens produzidas pelo veículo e materiais institucionais complementares; emprego de imagens fixas e em movimento de baixa qualidade, produzidas com celular; sinergia com outras empresas do Grupo Globo e reaproveitamento de fotografias e vídeos em várias matérias. Tímido uso de recursos interativos e infografias.	Hiperlinks ligando matérias produzidas pelo veículo e por outros meios (<i>Folha, Estadão, UOL</i> , etc.); emprego de vídeos e forte presença de infográficos para ilustrar informações numéricas; fotografias produzidas por fotógrafos de agências de notícias, com alta qualidade, retratando personagens da cena política em atitudes indiferentes à câmera.



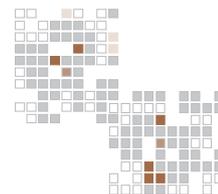
Descrição e Designação	Ênfase na posição de narrador privilegiado dos acontecimentos. Cobertura em tempo real no Congresso e nos estados. Relato descritivo e pouco crítico.	Ênfase na contextualização e explicação dos acontecimentos. Procura responder presumidos questionamentos e perguntas do público.
Vozes do Discurso e Relações do Sujeito Enunciador e Interlocutores	Distanciamento do leitor. Espaço equilibrado entre políticos e manifestantes pró e contra o <i>impeachment</i> , mas com ênfase na violência e nos transtornos causados por movimentos sindicais e sociais apoiadores de Dilma. Nenhuma concessão à voz dos cidadãos.	Interpelação direta do leitor, por meio do pronome de tratamento você. Tom professoral e didático. Espaço para especialistas acadêmicos (cientistas políticos, estatísticos, economistas e sociólogos). Pouca concessão à voz do cidadão.
Modos de Dizer Produção de Sentidos	Cobertura pouco inovadora em relação a formatos, conteúdos e linguagens. Tratamento do acontecimento semelhante aos demais veículos do mesmo grupo empresarial. Cobertura factual, pouco interpretativa e com grande volume de material “redundante”.	Enfatiza a contextualização do acontecimento. Investe em um relato jornalístico amparado na produção acadêmica; na visualização de dados; e na construção de um discurso de proximidade e intimidade com o público. Mas há ausência da voz do cidadão. A pouca apuração de informações novas e a dependência da cobertura de grandes veículos contribui para reprodução de enquadramentos e discursos.

Fonte: autoria própria

As características de ambos os veículos e de suas narrativas evidenciaram diferenças quantitativas e qualitativas, mas também revelaram muitas aproximações. Este estudo permitiu evidenciar posicionamentos que promovem categorizações e avaliações morais. Um exemplo foi a forma como o vazamento de um áudio do então vice-Presidente Michel Temer, antes da votação, no qual ele discursa como se o *impeachment* já tivesse sido aprovado. O *G1* tratou o acontecimento como uma “gafe” ou “descuido” minimizando questionamentos éticos ou até mesmo possíveis denúncias de “conspiração”. O *Nexo* não tratou esta atitude de Temer como uma gafe, mas não conferiu destaque a este fato. As enunciações do

G1 reproduziram abordagens do acontecimento semelhantes aos demais meios que formam o maior grupo empresarial de mídia tradicional do país. Houve pouca inovação na exploração de potencialidades de recursos interativos e infografias. A convergência produtiva do *G1* gerou um grande volume de material sobre o *impeachment*, quase dez vezes maior do que o *Nexo*, mas direcionado à cobertura factual e com informações redundantes.

O *Nexo* investiu em notícias mais contextualizadas e na explicação dos acontecimentos na contramão de discursos passionais e polarizados que circulavam nas redes, porém, expressou tanto inovações quanto conservações em suas estra-



tégias discursivas. Tal *startup* buscou promover reflexões sobre o acontecimento com a construção de relatos jornalísticos que incorporam contribuições de especialistas, mas seu conteúdo noticioso foi baseado em fontes, reportagens e entrevistas de outros veículos jornalísticos de grandes organizações midiáticas do país.

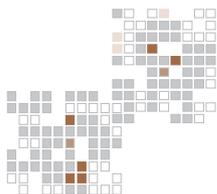
A ausência de vozes de cidadãos, em grande parte da cobertura do Nexo, nos permite considerar que as inovações propostas pelo jornal digital esbarraram em algumas limitações e repercutiram enquadramentos e discursos produzidos pela mídia hegemônica. O Nexo tem maior potência e flexibilidade para experimentar formatos e códigos mais inovadores justamente por ser uma *startup*. Entretanto, o estudo realizado indicou que esses recursos são mais empregados na busca da reaproximação com públicos dispersos na rede do que em práticas e estruturas discursivas jornalísticas disruptivas.

Certos códigos jornalísticos são partilhados por aqueles que produzem a notícia, tanto na mídia tradicional, representada pelo G1, quanto pelas organizações independentes, exemplificadas pelo Nexo Jornal. Esta pesquisa, porém, evidencia a cristalização de determinados procedimentos discursivos e a ausência de diversidade de vozes sociais nos relatos jornalísticos de ambos os sites. Os textos analisados seguem uma fórmula específica, como se fossem resultados puros da constatação da realidade. A partir desta investigação, foi possível verificar que um problema da prática discursiva do jornalismo na atualidade é o padrão da organização textual. A maneira convencional e identificada como sendo a forma narrativa “correta” de revelar a verdade, tanto por quem produz quanto por quem consome a notícia. Este modelo que constitui a si o lugar da enunciação da verdade é uma estratégia que busca o reconhecimento por parte do público da verdade pretendida pelo jornalista. No entanto, no contexto da pós-verdade, marcado por signi-

ficativo descrédito nas instituições tradicionais, como os sistemas político e midiático e por uma valorização maior de crenças, opiniões e vínculos emocionais com notícias do que dos fatos, esta estrutura narrativa tanto é incorporada na produção de informações falsas para angariar confiabilidade quanto desperta rejeições em enunciações jornalísticas circunscritas ao jornalismo declaratório (BECKER; GOES, 2020). Contudo, por meio de um conjunto de técnicas jornalísticas, o tratamento dos fatos em formações discursivas padronizadas tende a se intensificar na abordagem de acontecimentos políticos.

Hoje, diante do desenvolvimento e dos usos de tecnologias digitais, o jornalismo disputa sua posição de historiador do presente com outras vozes nas redes. Porém, os meios de comunicação tendem a produzir abordagens conservadoras e/ou maniqueístas e a pretensão do jornalismo de ser um discurso mais verdadeiro que outros se manifesta de maneira ainda mais expressiva com o intuito de manter a sua centralidade. Esta análise dos relatos jornalísticos do G1 e do Nexo Jornal sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff evidencia que as coberturas jornalísticas de ambos os veículos estudados buscaram mais efeitos de verdade do que a verdade em seus relatos jornalísticos sobre este acontecimento. O valor de verdade se relaciona à evidência e o efeito de verdade à convicção que emerge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, a partir de textos portadores de julgamentos, criando adesões e normas de reconhecimento do mundo (CHARAUDEAU, 2010). A passagem da crença para o saber exige comprovação, por meio de sistemas de aferição da verdade ou de sistemas de valores de verdade (Idem)⁴. No entanto, ainda

4 A relação do jornalismo com a transformação da realidade implica um processo contínuo de busca e cruzamento de informações contraditórias e de perspectivas distintas no relato dos fatos sociais, para além da aplicação de um conjunto de técnicas de saber dizer e comentar o mundo utilizadas para construir um dizer “verdadeiro”.



que provas e testemunhos tenham sido utilizadas pelo *GI* e pelo *Nexo Jornal* para atribuir valores de verdade às suas práticas discursivas, este estudo aponta que há um acirramento da relação dos regimes de verdade e dos efeitos de verdade nas interações entre o jornalismo e o público na atualidade.

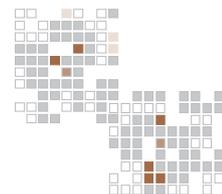
3. Considerações Finais

O jornalismo procura revelar aspectos da realidade que outras formas não conseguem tornar visíveis, é um lugar de partilha e de reverberação de valores e saberes, uma prática que influencia e é influenciada pela sociedade, um sistema que possui regras próprias, linguagem específica e se constitui como lugar de disputas de sentidos. Embora a veracidade das notícias possa ser reconhecida somente a partir da interpretação, a verdade associada à credibilidade ou à confiança que a audiência deposita nos produtos jornalísticos, resulta em grande medida da vontade e das habilidades dos jornalistas de lidarem com recursos de linguagem próprios do campo e com os códigos culturais que traduzem suas premissas.

A vocação do jornalismo sempre foi justificada por tornar público o que seria desconhecido, fomentando a cidadania e democracia. Entretanto, o jornalismo sempre se definiu também por uma lógica comercial, em uma economia neoliberal de concorrência com outras fontes desse tipo de saber e não como uma ação filantrópica, uma vez que os relatos jornalísticos se referem a acontecimentos do espaço público político e civil e nem sempre estão isentos de posições ideológicas. Contudo, essa contradição da prática discursiva jornalística é ainda mais acentuada na atualidade. A concorrência de mercado se torna cada vez mais intensa e o imperativo de captação do público faz com que a imprensa recorra à sedução das audiências de maneira ainda mais evidente, o que nem sempre atende às exigências da credibilidade que cabe ao jornalismo no serviço que

presta à sociedade. Assim, há um desequilíbrio entre o valor verdade e o efeito de verdade no discurso jornalístico que tende a se sobrepor a sua própria natureza e desafia a legitimação desse saber específico. A política é tratada como se os fatos falassem por si, sugerindo imparcialidade, mas os discursos jornalísticos contemporâneos investem cada vez mais na conversação intimista, o que nem sempre resulta em uma contextualização dos conflitos e contradições da vida social e em uma aproximação efetiva do mundo real. Além disso, muitas opiniões e argumentações se repetem, especialmente das autoridades em detrimento de vozes populares.

Impõe-se ao discurso jornalístico contemporâneo, empenho em formulações e conteúdos abertos às críticas e ao diálogo entre produção e recepção, como uma resistência à degradação do valor imaterial do jornalismo. Este estudo sinaliza que não vivemos uma crise da representação do discurso jornalístico na atualidade, porém mais uma mudança na história do exercício da profissão e da disciplina. A análise aqui sistematizada demonstra que o desenvolvimento e uso de tecnologias digitais não garantem que os textos jornalísticos sejam operados como resistência às forças conservadoras e contribuam para mudanças sociais. A autoridade do jornalismo não é gerada, exclusivamente, no interior desse campo de conhecimento, imbricada em relações e interesses econômicos e políticos que há, pelo menos, mais de cem anos intervêm em suas estruturas narrativas. No entanto, em diferentes momentos históricos, a relevância social do jornalismo se manifesta apenas quando os discursos jornalísticos abrem novos horizontes na leitura da vida cotidiana e da política e promovem a inclusão de vozes de atores sociais diversos. De outro modo, relatos jornalísticos da mídia tradicional ou das *startups* não contribuem para a transformação social e servem à estagnação e depreciação do papel social do jornalismo.



Referências

- BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel Azevedo de. A invisibilidade da home page e a mudança nos modos de leituras das notícias. In: Encontro Anual da Compós, 26, 2017, São Paulo. *Anais do Encontro Anual da Compós*, 2017. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_FIZ9B2A7J51LFFPME-PUG_26_5465_18_02_2017_18_44_07.pdf>. Acesso em 4 fev. 2018.
- BECKER, B. GOES, F. Fake News: uma definição possível entre a reflexão crítica e a experiência jornalística. *Âncora, Revista Latino-americana de Jornalismo*, vol.7, n.7, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/47565/31395>>. Acesso em 13 mar. 2021.
- BENETTI, Marcia; REGINATO, Gisele. As finalidades do jornalismo para os leitores: estudo da audiência dos jornais: Folha, Globo, Estádio. In: Encontro Anual da Compós, 26, 2017, São Paulo. *Anais do Encontro Anual da Compós*, 2017. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_N3X1LJHCH6R-LAXRUFUIU_26_5340_13_02_2017_12_28_41.pdf>. Acesso em 25 jan, 2018.
- BOCZKOWSKI, P. J.; MITSCHELSTEIN, E. *The News Gap*. Cambridge: MIT Press Books, 2013.
- CHARADEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2010. 2a.ed.
- COELHO, Maria das Graças Pinto; OLIVEIRA, Geilson Fernandes. Impeachment, emoções e conflitos: a emergência da raiva nos comentários da página da revista Veja no Facebook. In *Âncora - Revista Latino-Americana de Jornalismo*, v. 5, p. 127-144, 2018. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/42866>>. Acesso em 10 jan. 2019.
- CURRAN, James. Reinterpreting the internet. In: JAMES, C.; NATALIE, F.; FREEDMAN (orgs.). *Misunderstanding the internet*. Nova Iorque: Routledge, 2012.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. What journalism becomes. In: PETERS, Chris; BROERSMA, Marcel. *Rethinking Journalism Again*. Nova Iorque: Routledge, 2017, p.115-130.
- ENTMAN, Robert M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. In: *Journal of Communication*. Hoboken: Wiley [USA], v.43, n.4, p.51-58, 1993.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M.L. (orgs). *Crítérios de Noticiabilidade: Problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 85-113.
- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GROTH, Otto. *Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KOVACK, Tom; ROSENSTIEL, B. *Os Elementos do Jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- NEVEU, Erick. *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PETERS, Chris; BROERSMA, Marcel. *Rethinking Journalism Again*. Nova Iorque: Routledge, 2017.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Hacker, 1999.
- PORTO, Mauro P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) *Comunicação e política: Conceitos e abordagens*. São Paulo: Unesp; Salvador: Edufba, 2004.
- REICH, Zevi; GODLER, Igal. The disruption of journalists expertise. In: PETERS, Chris; BROERSMA, Marcel (orgs). *Rethinking Journalism Again*. Nova Iorque: Routledge, 2017, p. 64-80.
- RIZZOTTO, C.; PRUDENCIO, K. SAMPAIO, R. C. Tudo normal: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. In *Revista Comunicação e Sociedade*, v. 39, n. 3, p. 111-130, 2017. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7843/6103>>. Acesso em 10 jan. 2019.
- ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In.: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). *Vitrine e vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo*. Coviilhã: LabCom, 2010.
- SILVA, Gislene. Para pensar os critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M.L. (orgs). *Crítérios de Noticiabilidade. Problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014a, p.51-69.
- SILVA, Marcos Paulo da. Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valore-notícia. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M.L. (orgs). *Crítérios de Noticiabilidade. Problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014b, p. 71- 83.
- VIZEU, Alfredo; ROCHA, Heitor Costa Lima da; CARDOSO, Lais Cristine Ferreira. O impeachment do jornalismo: clima de opinião e manipulação ideológica no golpe contra Dilma Rousseff. In *Âncora - Revista Latino-Americana de Jornalismo*, v. 5, p. 127-144, 2018. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/42862>>. Acesso em 10 jan. 2019.
- ZELIZER, B. *Taking Journalism Seriously*. News and the Academy. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2004.

